

A sociologia e o preconceito racial no Brasil: contribuições de Thales de Azevedo e da UNESCO

Rute Mirão Sanchez

RESUMO:

O presente artigo tem por objetivo ressaltar a importância histórica de Thales de Azevedo (1904-1995) no âmbito das Ciências Sociais, enveredando por sua trajetória como cientista da saúde. Formado em Medicina, aproxima-se das Ciências Sociais quando atua no interior do Estado da Bahia como médico sanitarista e percebe a relação existente entre as doenças e as questões sociais, validando a existência desta mesma ciência e sua importância. As pesquisas realizadas revelaram importantes resultados, dentre os quais o de que as aparências podem ser deveras enganadoras. Pesquisas são instrumentos poderosos, por vezes com desfechos imprevisíveis, algo que deve ser considerado principalmente por instituições quando intentam validar teorias e pressupostos, sem considerarem a possibilidade de resultados diferentes daquele previsto. Exatamente o que iria acontecer com as pesquisas deste consagrado autor culminando na composição de *O Povoamento da cidade do Salvador* e, também, de seu livro *As Elites da cor*. A interpretação de abordagem sociológica sobre o preconceito de raça no Brasil, sob a perspectiva observada por Thales de Azevedo, através de sua participação no projeto UNESCO, se torna muito importante na trajetória de consolidação das Ciências Sociais no Brasil, tanto na sua prática como cientista quanto na sua atuação no meio acadêmico. Adicionalmente, cabe ainda, neste trabalho, uma pequena, mas não menos importante, reflexão sobre os desdobramentos históricos e efeitos destes estudos das relações raciais na sociedade brasileira da época e seus reflexos na atual conjuntura. A metodologia de pesquisa utilizada por Thales de Azevedo foi a pesquisa participante, onde o pesquisador está, não só no ambiente, mas também na história desta realidade que é vivida e apreendida, ou seja, há envolvimento e identificação com o objeto. O resultado do estudo etnográfico realizado conduziu Thales de Azevedo ao desfecho impactante e inquietante para aqueles que buscavam uma validação de suas teorias sobre a suposta democracia racial brasileira. Provando que as diferenças, conflitos, barganhas e negociações para mudança de posição negavam a existência pacífica de uma democracia racial brasileira.

Palavras-chave: Thales de Azevedo; Democracia racial; UNESCO.

ABSTRACT

This article aims to emphasize the historical importance of Thales de Azevedo in the scope of Social Sciences, embarking on his career as a health scientist. His medical training brings him closer to the Social Sciences when his experience as a physician, in countryside of Bahia, reveal the social aspects of diseases, validating the existence and importance of this science. The research carried out revealed important results, among which, that appearances can be quite misleading. Researches are powerful instruments, sometimes with unpredictable outcomes, something that should be considered mainly by institutions when they try to validate theories and assumptions, without considering the possibility of results different from those predicted. Exactly what would happen with the

research of this renowned author, culminating in the composition of “O Povoamento da Cidade do Salvador” and his book “As Elites da cor”. The interpretation of sociological approaches on race prejudice in Brazil from the perspective of Thales de Azevedo, through his participation in the UNESCO project, becomes very important in the path of consolidation of Social Sciences in Brazil, both in his practice as a scientist and his performance in the academia. Additionally, this article proposes a small, but no less important, reflection on the historical developments and the effects of these studies of race relations in Brazilian society at the current situation. The research methodology used by Thales de Azevedo was participatory action research, where the researcher is not only in the environment, but also in the history of this reality that is experienced and apprehended, that is, involvement and identification with the object.. The result of the ethnographic study carried out led Thales de Azevedo to the disturbing outcome for those who sought to validate their theories about the supposed Brazilian racial democracy. It proved that differences, conflicts, bargains and negotiations to change positions existed and, therefore, denied the peaceful existence of a Brazilian racial democracy.

Keywords: Thales de Azevedo; Racial democracy; UNESCO.

INTRODUÇÃO

A leitura do trabalho de Thales de Azevedo desperta grande interesse em pesquisar mais este autor, que teve importante papel no desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil. Sua importância não se resume à participação no projeto da UNESCO, muito embora esta tenha sido marcante, a contribuição no desenvolvimento e composição do teor das análises finais, fruto de seu trabalho de pesquisa, com estudo socioantropológico, trouxe à luz resultados surpreendentes. Abalando, assim, de forma contundente, os pressupostos que norteavam as bases da pesquisa instaurada pelo órgão internacional.

Thales Olympio Góes de Azevedo, baiano de Salvador, nasceu em 24 de agosto de 1904. Procedendo de família de médicos, farmacêuticos e advogados, na Faculdade de Medicina da Bahia formou-se em Medicina no ano de 1927. Sua trajetória sofreu uma mudança radical ao participar de um curso de extensão sobre Alimentação e Nutrição no Rio de Janeiro, na Universidade do Brasil. Observações sobre o contexto histórico do momento em que Thales de Azevedo realiza suas pesquisas é consideração importante, uma vez que situam as relações intrínsecas entre acontecimentos que marcam a história do nosso País, bem como da Europa e dos Estados Unidos, ou seja, momentos diferenciados dos estágios da colonização brasileira.

Este primeiro contato desvenda em Azevedo um núcleo do aspecto social que havia na medicina e na saúde. Seu interesse aumenta por esta direção quando, em 1943, é chamado a lecionar Antropologia na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, tornando-se também professor de Etnografia e Pesquisa Social no curso de Serviço Social

na mesma universidade. Esta opção será decisiva no encaminhamento de suas pesquisas na área social e antropológica, culminando com o total abandono da medicina como profissão (CONSORTE *apud* MAIO, 1996). Anísio Teixeira, em 1949, como secretário de Educação e Saúde da Bahia, convidou Thales Azevedo para dirigir um projeto de pesquisas sociais envolvendo a norte americana Universidade de Columbia e o governo estadual na Bahia. Este projeto foi sua primeira incursão na problemática das relações raciais, cujo resultado foi um pequeno trabalho que lhe rendeu a participação no projeto UNESCO que viria a seguir. O projeto UNESCO, cujo objetivo era estudar as relações raciais no Brasil, com o pressuposto de validar a existência de um modelo democrático racial no país. A importância desta pesquisa, que a princípio objetivava compreender uma suposta democracia racial existente no Brasil, revela a realidade das relações raciais, trazendo, desta forma, uma nova versão sobre este pressuposto, cujo resultado se condensa no livro que o marcará no âmbito das Ciências Sociais: *As Elites de cor: um estudo da ascensão social* (1955) (CONSORTE *apud* MAIO, 1996).

Sua formação em medicina foi, provavelmente, influência da família; tendo pai farmacêutico e proprietário de uma farmácia em Salvador, seria difícil tomar uma outra direção. Tornou-se Médico Sanitarista, optou por residir onde seria mais útil: no interior do Estado, mais precisamente no município de Castro Alves, onde participou de campanhas contra a malária e a epidemia de peste bubônica. Estas experiências resultaram em diversos artigos que foram publicados em revistas conceituadas e importantes como *Brasil Médicos* e *Bahia Médica* (MAIO, 2017).

Seu interesse aguçado o impulsionou à pesquisa das práticas de cura dos índios que habitavam o circuito dos arredores do interior da Bahia. Sua inclinação à Antropologia foi mais intensificada quando participou de um curso de extensão em alimentação e nutrição, colocando-o frente às questões e aspectos sociológicos da saúde, da medicina social, bem como as determinações sociais de algumas doenças (MAIO, 2017).

Em 1943, é chamado a assumir a cadeira de professor em Antropologia na Universidade da Bahia, o que irá aproximá-lo da Antropologia Cultural de Franz Boas e dos estudos da escola de Chicago. Deveras que, estar fazendo pesquisa no projeto UNESCO consolida sua condição de antropólogo social com posição bem definida contrária ao determinismo racial, demonstrando a singularidade do modelo brasileiro, onde o biológico e o cultural se relacionavam.

A biografia de Thales de Azevedo é extensa, com ampla participação como médico sanitário, escritor, diretor e fundador do Instituto de Ciências Sociais (1962/1964), fruto de sua tentativa em formar um centro de pesquisas na faculdade de filosofia associando pesquisa e ensino, promovendo os primeiros cursos de pós-graduação fora do Rio de Janeiro e São Paulo. Com a intervenção do Exército em 1965 muito foi destruído, arquivos e biblioteca, vindo a ser extinto alguns anos depois, mais precisamente no final da década (MENEZES, 2016).

Ocupando-se de uma variedade de assuntos, desenvolveu pesquisas abordando temas diversos como: medicina, história social, imigração, aculturação, ideologia, cotidiano. Muito embora, mesmo antes de formar-se médico, tenha realizado pesquisa e publicações na área médica, sua inclinação pelas Ciências Sociais o absorverá completamente, distanciando-o da Medicina. A pesquisa e o ensino foram atividades fundamentais, suas aulas eram previamente preparadas, com várias indicações bibliográficas, sempre estimulando o debate e o contato com a comunidade acadêmica, divergindo inteiramente da tradição do ensino na Bahia e em grande parte do país (MENEZES, 2016). Ao referenciar suas fontes de pesquisa, é possível traçar os esquemas conceituais da formação da sociologia e da antropologia no Brasil, bem como contar com sua presença marcante por mais de cinquenta anos com publicações especializadas (LIEDKE FILHO, 2005).

Contexto Histórico

Convém abrir um breve parêntese para situarmos o autor no momento histórico, muito peculiar, onde seus estudos e sua orientação se desenvolveram. As décadas de sua produção literária e de pesquisa são bastante importantes para todo o contexto histórico das Ciências Sociais no Brasil.

Uma outra característica do clima intelectual da época estava justamente na força do ideário assimilacionista no imaginário nacional. De fato, da parte das elites e das autoridades brasileiras, fossem administrativas, fossem intelectuais, existia a expectativa de reforço da interpretação oficial, dogmática, de que não havia problema racial no país. Esse consenso era expresso seja a nível do discurso oficial do governo (do Itamaraty, do governo do estado etc.) seja à nível da produção acadêmica nas Universidades e nos diversos Institutos Históricos e Geográficos, mas, particularmente, era reverberado pela imprensa escrita e falada. A força desse consenso será denunciada por Thales em diversas ocasiões, anos depois da publicação de *As elites de cor* (GUIMARÃES, 1996 p.70). A

Europa, berço de nossa influência cultural, uma vez que recebemos os colonizadores e, em sua sequência, imigrantes de vários países, encontrava-se esfacelada, tanto material quanto socialmente ao término de duas grandes guerras. Com espaço tão pequeno de tempo entre as duas, sendo a última a mais poderosa e destrutiva, com uma constituição de inovadoras forças avassaladoras, tanto em termos sociais, quanto em termos de tecnologias de destruição em massa.

No fim do século XIX e início do século XX, o Ocidente foi palco de grandes transformações, com acelerada corrida industrial, acompanhada por forte influência nas sociedades, quer nos grandes centros urbanos, quer nas áreas rurais. Com o propósito de situar o autor e sua obra, fazem-se necessários um breve histórico do surgimento do estudo das ciências sociais no mundo (ocidental) e sua introdução em nosso país.

O período dos Pensadores Sociais, também chamados por alguns autores de *período pré-científico*, corresponde historicamente ao período que se estende das lutas pela Independência das nações latino-americanas até o início do século XX. Durante esse período, a elaboração de teoria social tendeu a ser desenvolvida por pensadores e mesmo homens de ação (políticos), sob a influência de idéias filosófico-sociais europeias ou norte-americanas como, por exemplo, o iluminismo francês; o ecletismo de Cousin; o positivismo de Comte; o evolucionismo de Spencer e Haeckel; o social-darwinismo americano de Sumner e Ward e, o determinismo biológico de Lombroso. Sob as influências desses autores, buscava-se equacionar duas problemáticas centrais – a formação do Estado nacional brasileiro, opondo liberais e autoritários, e a questão da identidade nacional, tendo como núcleo a questão racial opondo os que sustentavam uma visão racista e os inspirados pelo relativismo étnico-cultural (LIEDKE FILHO, 2005).

O próprio Thales de Azevedo escreve sobre as etapas que sucedem a introdução dos estudos tanto da Sociologia quanto da Antropologia no Brasil. Favorecido por seu desempenho como escritor e pesquisador, seu trabalho será referência e é até o presente.

Paralelamente ao florescimento dos estudos sobre as tribos indígenas e, no entender de Azevedo, sob a influência destes, iniciaram-se os estudos de Antropologia Física e Cultural tendo por temática principal os negros e as culturas africanas no Brasil, destacando-se autores tais como Batista Lacerda, Nina Rodrigues e Roquette Pinto. Os estudos sobre as tribos indígenas e os negros no Brasil, ao prepararem o caminho para a posterior institucionalização do ensino e da pesquisa, constituíram o ponto de partida para a evolução da sociologia propriamente dita (LIEDKE FILHO, 2005).

Cumpra-se referenciar a importância de Florestan Fernandes quando retrata os períodos em que a Sociologia se fez presente no Brasil, num primeiro momento como o que chamou de período de *autodidatismo*, que surge ao final da fase escravocrata, utiliza recursos de interpretação dos fatos sociais tecendo relações entre as ciências, como, por exemplo, entre o Direito e a Sociologia, Literatura e contexto social, e, em uma segunda etapa, um aprofundamento nas análises históricas e interpretações do presente (PRAXEDES, 2012).

O ensino da Sociologia tem seu início em 1924 nas Escolas Normais, com o reformismo pedagógico da Escola Nova, através de manuais inserindo pequenos textos de Durkheim e Dewey, além de introduzir questões sociais brasileiras com indicações de leitura de *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre. Evidentemente, um país tão amplo e diverso atrairia iniciativas de estudos nos mais variados setores do interesse da Sociologia bem como da Antropologia.

[o] que nos compeliu a essa revolução intelectual, que nos iniciou no espírito crítico e experimental, em todos os domínios, e nos abriu o caminho aos estudos e às pesquisas sociológicas, foi, no entanto, o desenvolvimento da indústria e do comércio nos grandes centros do país e, particularmente, em São Paulo e no Rio de Janeiro (AZEVEDO Apud LIEDKE FILHO, 2005, p. 381).

O verdadeiro início e instalação do ensino da Sociologia surgem no Brasil com a criação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, com a força da elite cafeeira paulistana e, tinha a intenção de organizar-se e obter a bagagem científica do mundo “civilizado”, tornando-se, assim, capacitados para ações eficazes no mundo social. Sob os ares da Escola de Chicago, uma série de pesquisas foi iniciada, estabelecendo o primeiro programa de ciências sociais no Brasil, ou seja, um marco importante na mudança do pensamento, influência que se verifica nas Artes, na Filosofia, na Política.

O Estado Novo irá operar mudanças nestas estruturas, criando obstáculos ao crescimento da Ciência e do desenvolvimento do pensamento, quadro que sofrerá mudanças com a redemocratização nas décadas seguintes de 1950 a 60, período em que grandes projetos são desenvolvidos, uma aparente fertilidade intelectual parece frutificar em solo brasileiro.

Poderíamos, até mesmo, acreditar em uma mudança, um novo olhar sobre as questões em um campo tão diversificado quanto o nosso, certamente uma grande parcela de teóricos sociais passam a se interessar por este nosso Brasil tão peculiar.

Acompanhando os movimentos políticos, logo na sequência, sofreremos os efeitos do golpe militar de 64, que excluiu grandes nomes das pesquisas, encerrando, inclusive,

aquelas em andamento, consideradas “subversivas”. Muitos professores foram convidados a sair do país, outros foram presos e muitos pediram demissão em solidariedade aos colegas presos, consoante o descrito nesta exposição de fatos pela própria representação da UnB.

Em 1964, o golpe militar instaurou a ditadura no país e trouxe anos difíceis para a UnB. Por estar mais perto do poder, a instituição foi uma das mais atingidas. Acusados de subversivos, universitários e professores foram perseguidos pelo regime [...] A primeira invasão aconteceu no dia 9 de abril de 1964, apenas nove dias após o golpe militar. O então reitor Anísio Teixeira e o vice Almir de Castro foram surpreendidos por tropas do exército e por policiais de Minas Gerais. Os militares chegaram em 14 ônibus, com três ambulâncias já preparadas para possíveis confrontos. No campus, invadiam salas de aula, revistavam estudantes, procuravam armas e material de propaganda subversiva. Buscavam também 12 professores que deveriam ser presos e interrogados [...] A segunda invasão aconteceu no ano seguinte. Em 8 de setembro de 1965, os professores entraram em greve por 24 horas. A greve foi uma resposta à demissão dos professores Ernani Maria de Fiori, Edna Soter de Oliveira e Roberto Décio de Las Casas, afastados por “conveniência da administração”. O clima de apreensão tomou conta do campus, e outros docentes temiam ser demitidos de forma arbitrária. [...] Houve reação: 223 dos 305 professores da Universidade demitiram-se em seguida. O professor Roberto Salmeron conta em seu livro *A universidade interrompida: Brasília 1964-1965*, que os professores estavam fartos do clima de instabilidade que havia se instalado na Universidade [...] Chegara o momento em que devíamos escolher com lucidez entre somente duas alternativas: aceitar as interferências externas ou recusá-las”, lembra. Cerca de 80% dos professores decidiram recusar. Em 18 de outubro, a Universidade que acabara de nascer perdia a maior parte dos cérebros selecionados para construir a instituição de vanguarda idealizada por Darcy Ribeiro (UNB, 2019, s/p).

Assim, o desmonte da UNB foi realizado e as demais instituições seguiram o mesmo percurso, ou seja, pensar, refletir, havia se tornado perigoso, ato de subversão a ser combatido via força das armas. As estimativas sobre o número de pessoas forçadas a partir durante a ditadura militar variam entre 5 mil e 10 mil, mas, não há dúvida de que foi a maior diáspora da história do Brasil. Alguns dos desterrados jamais retornaram. É o caso de Josué de Castro, médico, professor, cientista político e escritor pernambucano que dedicou a vida a estudar a questão da fome. Castro era embaixador do Brasil na ONU em 1964 quando teve seus direitos políticos cassados. Morreu no exílio sem poder voltar ao país. Do golpe de 64 até a anistia de 1978, viveram longe de casa, por algum período de tempo, notáveis brasileiros. “Alguns deles intelectuais e professores universitários: Celso Furtado, Josué de Castro, Florestan Fernandes, Paulo Freire, Milton Santos, Maria da Conceição Tavares, Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra, Rui Mauro Marini, Fernando Henrique Cardoso.” (MEMORIAL DA DEMOCRACIA, 2019, s/p)

Neste contexto, os cursos de Ciências Sociais, em crescimento no nosso país, sofrem, atualmente, um retrocesso. Após todos estes anos que nos separam do período da

ditadura militar nos anos 60/70, estão agora ameaçados por um novo governo que estabelece cortes substanciais na Educação, desconsidera a totalidade das Ciências Humanas e institui novo modelo para o ensino, retirando do currículo as disciplinas que podem embasar o senso crítico e o pensamento analítico. A importância de fatos históricos não deve ser subestimada, Thales de Azevedo viveu estes momentos no percurso de seu trabalho e teve seus resultados consagrados e divulgados.

Entre os trabalhos relacionados por Thales de Azevedo, temos o projeto de pesquisa realizado entre 1950 e 1952 – *A pesquisa sobre a vida social no Estado da Bahia*, realizada em cooperação com o Programa de Pesquisas Sociais do Estado da Bahia-Columbia University, o Projeto Columbia. Neste trabalho, Thales de Azevedo relaciona os resultados de pesquisa decorrentes dessa cooperação com a Universidade de Columbia, publicados em diversas revistas de pesquisa e em anais de eventos nacionais e internacionais. O material relacionado como resultante do Columbia foi grandemente localizado pelo grupo Memória e entregue para divulgação conjunta com o Histedbr e o Museu Pedagógico (MENEZES, 2016).

Orientações teóricas e metodológicas

O projeto UNESCO, como foi chamada a intervenção da organização internacional, destacando profissionais da área de Ciências Humanas para compor uma equipe liderada por Alfred Métraux, em função da preocupação mundial com a gravidade do efeito do antissemitismo desencadeado com o Nazismo, tornou relevante a decisão de observar como, no Brasil, as raças conviviam de forma pacífica. Eliminar o determinismo racial, formar novos conceitos a partir das noções de raça passaram a ser os objetivos. A 5ª Conferência Geral da UNESCO, que contou com a atuação de Artur Ramos, acentuou uma preocupação com negros e índios brasileiros, suscitando esta pesquisa, aumentando o interesse no nosso país, de certa forma determinante para a consideração do projeto.

Desde o século XIX, relatos de viajantes, cientistas, jornalistas e políticos europeus e norte-americanos registraram uma certa surpresa com a convivência pacífica entre as raças e etnias (brancos, negros e índios) no Brasil. Essa imagem de um “paraíso racial”, em constante comparação com a turbulenta experiência norte-americana, contrastava vivamente com os receios das elites brasileiras que, especialmente após a tardia abolição da escravidão e a fundação da República, concebiam a maciça presença dos negros e a intensa miscigenação, características visíveis do composto racial brasileiro, como obstáculos à inserção do país na modernidade [...] Foi no contexto pós-

genocídio nazista que o Brasil adquiriu ainda maior notoriedade quanto ao panorama de suas relações raciais e étnicas. A imagem positiva do país repercutiu no interior da UNESCO. Em contrapartida, cientistas sociais envolvidos com o exame da realidade brasileira estavam cientes de que determinadas demandas haviam sido incluídas, com destaque, na pauta de discussões da agência internacional -- como os temas da industrialização, educação e ciência – em regiões subdesenvolvidas. Em junho de 1950, a “opção Brasil” foi aprovada na 5ª Conferência Geral da UNESCO em Florença. Entre junho e dezembro de 1950 foi definido o escopo da pesquisa no Brasil (MAIO, 1999). Sob a direção de Alfred Métraux, cientistas colaboradores são arregimentados e integrados ao projeto que inicialmente se projetaria na Bahia, em razão do forte contingente de negros integrados. O pesquisador coordenador do Projeto teve contato com Anísio Teixeira, que o colocou a par dos resultados das pesquisas realizadas no convênio da *Columbia University* com o Estado da Bahia, aproveitando, como esboço, as pesquisas já realizadas seguindo a direção do interior do Estado, bem como na capital, cuja direção ficaria a cargo de Thales de Azevedo.

Métraux já conhecia o francês Roger Bastide, que estava em São Paulo e o convenceu a estudar a comunidade de negros nesta capital também. Assim, conseguimos perceber que a pesquisa foi sendo elaborada, construída com a experiência de vários cientistas que deram suas contribuições no esboço deste projeto. Métraux e Coelho acreditavam que

[...] os estudos deveriam levar em conta o padrão de vida de brancos e não-brancos, incluindo salários, tipos de ocupação e, de modo mais abrangente, a influência da variável *raça* no processo de competição no mercado de trabalho, bem como a interferência da religião na dinâmica das relações raciais (MAIO, 1999, p. 148).

Análises serão feitas a partir da identificação de uma condição diferenciada do pressuposto da integração racial no Brasil. O projeto UNESCO, em verdade, abre espaço para uma ampla discussão que irá se desenrolar em diversos ambientes e setores da sociedade brasileira, da integração urbana em uma subcultura de negros e, a ascensão social dos mesmos, privilegiados por Thales de Azevedo através de interações sociais e a mobilidade vertical com a aquisição de status e prestígio social, mas revelando, ao final, nitidamente, “nuances” de preconceito de cor.

As elites da cor, assim como os demais estudos patrocinados pela UNESCO, foi escrito em meio a um clima marcado por algumas características que precisam ser lembradas. Da parte da UNESCO, havia a expectativa de que tais estudos fizessem o

elogio da mestiçagem e da mistura étnico-racial, assim como do convívio harmonioso entre raças e etnias em algumas sociedades modernas. A miscigenação, aliás, é uma preocupação fundante da reflexão de Thales. Ela é considerada fator de democratização social, rompendo as barreiras erigidas pelos estamentos do período colonial, e fator de democratização racial ao borrar as cores das castas raciais. O mestiço baiano, o “branco da Bahia” ou “branco da terra” é explicado como o produto mais autêntico, do ponto de vista da nacionalidade brasileira, do caldeirão racial entre portugueses, índios e negros. Beirando a fronteira do plausível – posto que desafia todas as políticas de embranquecimento desencadeadas pelo governo brasileiro desde a República – Thales é capaz de fazer da falta de brancos europeus um requisito a mais da autenticidade brasileira, peculiar aos brancos baianos (GUIMARÃES, 1966). A pesquisa que Thales Azevedo desenvolveu incluiu uma série de procedimentos metodológicos como um inquérito sobre a pessoa de cor nos grupos sociais de prestígio nas classes sociais superiores; descrição dos mecanismos desta ascensão social; reação dos brancos e até mesmo pessoas de cor em relação à mobilidade social, bem como as tensões sociais provocadas por esta ascensão.

Thales toma de empréstimo a teorização de Pierson sobre a sociedade multirracial de classes para lidar com a relação entre classes e raças na Bahia. Mas, se essa teorização parece enquadrar-se bem à sua descrição da posição social dos mulatos, pardos e morenos socialmente brancos, ela tem o enorme defeito de contrariar os fatos repetidos de discriminação a que estão sujeitos não apenas esses indivíduos em determinados círculos, principalmente nacionais, mas, particularmente, os pretos. Se *As elites da cor* é uma monografia sobre a ascensão social de pretos e mulatos, inevitável que essa monografia trate da discriminação e do preconceito de cor a que estão sujeitos pretos e mulatos, justamente por causa da ideologia assimilacionista que a um só tempo possibilita a sua ascensão mas, os inferioriza. Os capítulos restantes de *As elites da cor* trazem exatamente essa demonstração, ao examinar alguns caminhos de ascensão – o casamento, o comércio, a política, a burocracia, o exército, as artes, a educação, a religião, os esportes, as profissões liberais – e alguns espaços reservados ao convívio social, como a vida intelectual e os clubes recreativos (GUIMARÃES, 1996).

No campo teórico, o autor revisita conceitos weberianos a respeito de *status* e *classe* e, também, a mistura em descritivo e explicativo, como fazia o mestre. A análise de sua trajetória nos revela seu espírito ávido e inquieto, características de um

pesquisador, bem como sua capacidade de abraçar ideias conceituais que renovam suas convicções, traçando novas trajetórias em suas buscas.

Sua fase mais ativa encontra-se, sem dúvida, nos anos 1950 e começo dos 60, ao fazer dialogar intensamente os seus dados e suas reflexões com aqueles produzidos por Donald Pierson, Costa Pinto, Guerreiro Ramos, Marvin Harris, Roger Bastide, Florestan Fernandes, Otávio Ianni, entre outros. Durante esse período, como era de se esperar, seu pensamento evolui, no mesmo sentido da sua disciplina, em direção à desmistificação da tese da democracia racial brasileira. Do ponto de vista teórico, sua reflexão amadurece na encruzilhada entre o pensamento da Escola de Chicago, elaborado nos anos trinta, entre outros, por W. I. Thomas, Robert Park, Ernest Burgess, George H. Mead e chegado ao Brasil pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo; a teoria da modernização e desenvolvimento do Brasil, que começa a gestar-se também na Escola de Sociologia e Política e na Universidade de São Paulo, sob o impacto das primeiras leituras brasileiras da obra de Talcott Parsons, Karl Marx e, principalmente, da sua leitura original de Max Weber e dos sociólogos alemães (GUIMARÃES, 1996).

Como metodologia de pesquisa, Azevedo utilizou a observação participante, presenciou e participou de vários eventos, ritos, reuniões, eventos culturais, festas familiares, clubes, instituições comerciais e profissionais. Realizou entrevistas, usou informantes brancos e mestiços coletando relatos históricos sobre a cidade de Salvador, reuniu documentos em jornais, fichas, arquivos, fotografias e até mesmo documentos policiais.

Thales oferece um rico conjunto de dados sobre o cenário baiano acerca das atitudes reveladas nas entrevistas, nas quais ocorrem situações de frustração e discriminação. Há diversas barreiras para indivíduos mestiços e negros a partir de suas próprias iniciativas, alcançarem uma posição social e educacional mais elevada. A etnografia realizada por Thales de Azevedo evidencia as desvantagens à ascensão social dos indivíduos não-brancos calcadas na cor, na educação e na riqueza: “[...] a pesquisa realizada por Thales de Azevedo evidencia que todas as pesquisas da UNESCO, independentemente da região, revelaram o preconceito de cor e as desigualdades raciais no Brasil” (MAIO, 2017, p. 102).

Ao apresentar sua descrição de resultados, o autor apresenta três classes sociais definidas: classe dos descendentes da antiga aristocracia composta por intelectuais, profissionais liberais e oficiais das forças armadas; uma classe intermediária composta por comerciantes e funcionários públicos; por fim, uma classe considerada baixa, que

exerce os trabalhos manuais. Identifica a barreira da cor como elemento definidor dos espaços a serem ocupados por pessoas não brancas, inclusive, percebe o quanto adquirem, o que denomina “epiderme social”, expressando adesão à cultura do branco, bem como, retrata a forma de ascensão através do casamento que é visto como estratégia de “melhorar a raça” (MAIO,2017).

Thales de Azevedo conclui, em sua pesquisa, a construção da ideia de que o trânsito das pessoas de cor nas relações sociais é presidido pelo padrão do “homem cordial”, ou seja, certa tolerância que condena toda e qualquer discriminação ostensiva. Na verdade, as pessoas de cor acabam por incorporar os valores e comportamentos dos brancos, desta forma, pode-se dizer que, em sua opinião, não há relações raciais harmônicas no cenário baiano. Bem como sua pesquisa assinala a importância do status atribuído e do adquirido como uma condição importante a ser analisada na mobilidade destes grupos.

[...] a etnografia de Thales é um documento precioso da persistência, na Bahia, da importância do status atribuído, principalmente a origem familiar e a cor, sobre o status adquirido, como aquele proveniente da riqueza e da ocupação (GUIMARÃES, 1996, p.70).

A importância do seu trabalho está, também, em assinalar resultados que se contrapõem ao pretendido inicialmente pelo Projeto UNESCO, o que revela uma ambiguidade:

Pego na aparente contradição teórica que a riqueza dos dados empíricos o conduziu, serão dois fenômenos de restrição da ascensão social que expressam os limites da mestiçagem enquanto mecanismo de mobilidade, que estimularão a reflexão de Thales no futuro imediato: a persistência do status de origem, dada pelos laços de família e pela cor; e, a relativa rigidez cromática dos casamentos inter-raciais (GUIMARÃES, 1996, p.73).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação mundial com o evento dramático da Segunda Guerra trouxe uma série de novas perspectivas ao mundo ocidental, principalmente aos países envolvidos direta ou indiretamente no conflito. O imenso desconforto provocado pelo genocídio dos judeus serviu de alerta ao que a intolerância racial poderia levar a humanidade. Fator que levou a ONU, através da UNESCO, a desenvolver interesse na condição do Brasil, país que convivia com raças originárias e colonizadores.

Muito embora, cabe aqui a observação, o massacre dos povos colonizadores tenha provocado um número maior de mortes e destruição total de culturas em nosso continente. Mas, todavia, no caso do Nazismo, onde tratava-se de branco exterminando branco, a gravidade provoca espanto e comoção, demanda pesquisa a fim de evitar que possa

ocorrer novamente. O que enseja ironia é pensar que a preocupação com o preconceito de raça surge desta situação, na qual o mundo de brancos colonizadores se confronta.

Os conflitos, no Brasil, atingem uma população imensa, que vive à margem da margem de qualquer definição de classe. Mesmo com políticas de cotas para ingresso nas universidades, a distância para a igualdade ainda é imensa. Em se tratando das novas políticas adotadas por um desgoverno que estimula os ataques racistas, homofóbicos, há que se pensar em quanta contribuição a pesquisa realizada por Thales de Azevedo serve de eixo para que se perceba o que de fato, existe em nossa sociedade: um preconceito velado, disfarçado que até mesmo faz com que a pessoa de cor não assuma sua própria pele. As estatísticas, neste ano, revelam alarmantes números da violência contra negros, amparados por um sistema que encarcera e dizima jovens que nascem sem espaço, oportunidade e visibilidade. A tendência é que esta situação piore com o atual projeto de desmonte de instituições e programas de acesso destas populações, consideradas minorias, às universidades, é um alarmante perigo que nos rodeia atualmente. Nunca estivemos tão ameaçados quanto neste momento e, nunca estivemos tão impotentes quanto hoje, assistindo a cada dia uma nova tragédia já anunciada.

As Ciências sociais, ameaçadas de extinção nas universidades, revelam verdadeiramente o quanto são consideradas ameaçadoras. Afinal, pensar é perigoso, analisar e ter senso crítico muito mais. O caminho traçado por expressões como Thales de Azevedo revela a importância do pensamento e da pesquisa no âmbito social, a exemplo da vereda aberta pela iniciativa do projeto UNESCO e consolida sua participação, contrariando a premissa que orientava os pesquisadores a provar a inexistência do preconceito de raça no Brasil.

REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. As elites de cor e os estudos de relações raciais. **Tempo de sociologia** [online]. v.8, n.2, pp.67-82. 1996.

LIEDKE FILHO, Enno Dagoberto. A Sociologia no Brasil: história, teorias e desafios. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 7, n. 14, pp. 376-437, dez. 2005.

MAIO, Marcos Chor. As Elites de Cor: Thales de Azevedo e o Projeto UNESCO de Relações Raciais no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia**. v. 5, n. 10, p. 89-113. Maio, 2017.

MAIO, Marcos Chor. Thales de Azevedo: Desaparece o último dos pioneiros dos antropólogos brasileiros de formação médica. **Manguinhos**, Salvador, v. 3, n. 1, p. 133-171. 2005.

MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. **Revista brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 14, n. 41, p. 141-158. 1999.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. 1969, Janeiro: **Exílio é a saída para milhares de brasileiros**. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/exilio-e-a-saida-para-milhares-de-brasileiros>> Acesso em: 01 de set. de 2019.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. História e historiografia da educação – a Bahia e suas conexões com os estudos regionais e nacionais. **Revista HISTEDBR On-Line**, v. 16, n. 67, 2016, pp. 228-237.

PRAXEDES, Rosângela Rosa. **Projeto UNESCO: quatro respostas para a questão racial no Brasil**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) 220f. - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Invasões Históricas**. Disponível em: <<https://www.unb633-invasoes-historicas?menu=423.br/a-unb/historia/>> Acesso: 01 de set. de 2019.